

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre feras, uma sereia: crime e gênero no romance sensacional *Os estranguladores do Rio* (Rio de Janeiro, início do século XX).

Amanda Ribeiro Mafra

Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Avançado Piumhi

amanda.mafra@ifmg.edu.br

Resumo: Na passagem do século XIX ao XX, o mercado livreiro carioca foi marcado pela presença de uma gama diversificada de ficções populares sobre crimes. Inscritas em uma conjuntura de interesse generalizado pela temática, estas narrativas dialogavam com diferentes discursos sobre a criminalidade, inspirando-se muitas vezes em casos verídicos. É o caso de *Os estranguladores do Rio ou o crime da rua da carioca* (PINHEIRO, 1906), romance sobre o qual centra-se este trabalho. Este artigo visa analisar as representações das criminalidades feminina e masculina presentes nesta obra, buscando compreendê-las a partir de suas relações com outros discursos em voga no período. Como fundamentação teórica utilizamos as contribuições de Chartier (1990) acerca do conceito de representação, e de Scott (1989) quanto ao uso da categoria gênero. Nossas análises apontaram para a construção de uma divisão sexual do crime no romance, o que aproxima a narrativa dos padrões de masculinidade e feminilidade expressos por discursos criminológicos do período. A obra apresenta ainda diferentes sentidos sobre a criminalidade: ao mesmo tempo em que apresenta um viés moralizante, constrói seus protagonistas como sujeitos excepcionais, contribuindo ao “efeito de sensação” da trama.

Palavras-chave: literatura de crime; representações; gênero.

Os estranguladores do Rio ou o crime da Rua da Carioca - uma introdução

Em outubro de 1906, diferentes periódicos da cidade do Rio de Janeiro noticiaram um crime que se tornaria célebre: o roubo à joalheria de Jacob Fuocco - localizada na Rua da Carioca - e o estrangulamento de seus dois sobrinhos, Carluccio e Paulino. A cobertura do crime pela imprensa estendeu-se por anos a fio, cada vez mais voltando-se à figura dos criminosos - integrantes da chamada “quadrilha da morte”. A repercussão do caso estendeu-se a produções artísticas, sendo possível localizar uma peça de teatro, dois filmes e um livro sobre o acontecimento (PORTO, 2009).

O referido livro foi escrito por Abílio Soares Pinheiro, ainda em 1906, trazendo como título *Os estranguladores do Rio ou o Crime da Rua da Carioca*. Foi publicado por uma pequena tipografia, a Luiz Miotto, que se dedicava à serviços diversos do ramo e à

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

publicação de romances de autoria pouco conhecida, a exemplo de Abílio Pinheiro – sobre o qual, até o momento, não foi possível encontrar nenhuma informação. Em termos de materialidade, o livro apresentava capa brochada – indicio de uma publicação de baixo custo - com páginas e letras grandes, e muitas fotografias.

Tais características inserem a obra no que Alessandra El Far (2010) categoriza como *livros populares*, isto é, produtos com baixa qualidade de impressão e encadernação, projeto gráfico de fácil manuseio e uma linguagem simples, o que resultava em preços reduzidos e a consequente ampliação de consumidores. Este tipo de publicação apostava ainda em temáticas que pudessem atrair leitores com gostos e interesses variados, como assuntos do cotidiano e temas “sensacionais”, isto é, que prometiam provocar intensas emoções nos leitores.

O termo “sensacional” podia ser facilmente encontrado na imprensa carioca a partir de fins do século XIX, sempre ligado a acontecimentos excepcionais, que fugiam da tranquilidade cotidiana (EL FAR, 2004). A associação do termo a dado acontecimento ou narrativa permitia aos leitores de antemão saber sobre o que se tratava e o que podiam esperar dos enredos. Assim ao apresentar como subtítulo “romance sensacional do Rio Oculto”, *Os estranguladores do Rio* trabalha com concepções socialmente compartilhadas, inserindo-se em um conjunto de produções que investiam em momentos de suspense, descrições intensas e temáticas extraordinárias.

Neste mesmo caminho, em seu prefácio, o romance em questão propõe-se a trazer aos “amadores de fortes sensações”, a “narração fiel” do “tenebroso” crime da Rua da Carioca. Não como os jornais o faziam, mas amoldado pela escrita romântica e propicia ao “estudo do Rio Oculto”, com informações desconhecidas até mesmo pela polícia (PINHEIRO, 1906, p.VI). O texto apresentava-se dividido em duas partes: a primeira, intitulada “Um plano Malogrado”, centrado na atuação prévia da quadrilha, com destaque para dois de seus integrantes, Eugênio Rocca e Malvina – personagem que aparece apenas na ficção, não sendo identificada no noticiário sobre o caso; já na segunda parte, temos o crime da Rua da Carioca em si, com a apresentação dos demais membros da organização criminosa: Jeronymo Pigatti, Emílio Berretta, José Epitácio, *Carletto* e o *Homem Vermelho*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Diante destes personagens, este artigo propõe-se a analisar as representações das criminalidades feminina e masculino no interior de *Os estranguladores do Rio*. A partir das contribuições teóricas de Chartier (1990), concebemos as representações literárias em sua relação com o mundo social: erigindo-se a partir da experiência concreta, as representações surgem como matrizes de práticas sociais, pautando a constituição de identidades e as relações de poder. Partimos também da concepção de que as representações literárias dialogam diretamente com outros discursos de seu contexto de produção. No caso em análise, destacamos sua inserção em uma conjuntura de interesse generalizado pela temática do crime, resultando em diferentes discursos médicos, criminológicos, jurídicos e governamentais sobre a questão. Assim, teremos como recorte os possíveis diálogos entre as representações presentes no romance e os discursos higienistas e da criminologia positiva estruturados no período.

Nossas análises sobre as diferentes representações quanto a atuação de criminosos e criminosas fundaram-se também na categoria analítica de gênero, que aponta para o caráter de construção sociocultural das definições do “ser homem” e “ser mulher” (SCOTT, 1989). O uso desta categoria analítica permiti-nos compreender que tais construções expressam interesses de determinados grupos sociais - incluindo-se as expectativas quanto ao público leitor – podendo pautar violências físicas e simbólicas sobre as mulheres.

Criminosos(as) e suas “monstruosas organizações”

Já no prefácio, o narrador de *Os estranguladores do Rio* esclarece aos leitores/as o principal objetivo a que se propõe: “Perpetuar a lembrança do mal para ensinamento daqueles que podem vir a ser suas vítimas e para maior execração dos criminosos” (PINHEIRO, 1906, p. VI). É em consonância com esta proposta de cunho pedagógico, que o romance buscar definir o que é o criminoso e qual a sua origem.

Segundo o narrador, trata-se de um “parasita social”, que “foge do ar e da luz, dos lugares onde a vida pode ser observada e discutida; vive na imundice, se resolve no lodo, entre os lixos em fermentação, na sordidez da miséria e do vício (...)” (PINHEIRO, 1906,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

p. 15). Imerso nas “trevas”, o tipo criminal estaria presente em todo o Rio de Janeiro transitando imperceptivelmente entre os seus habitantes, no chamado “Rio oculto”.

Tal tipo teria sua origem em anomalias da natureza humana, o que os aproximaria da animalidade. Seriam assim como raposas, feras, cobras, coelhos, com características psicológicas e comportamentais associadas à animais e em oposição ao tido como natural ao ser humano. O romance aproximava-se, deste modo, da chamada Antropologia Criminal “que concedeu estigmas degenerativos como suposta reminiscência atávica da morfologia animal, pela qual passariam os indivíduos, numa ascensão milenária” (CANCELLI, 2001, p. 150).

Na obra ainda, a degenerescência presente nos indivíduos criminosos seria transmitida hereditariamente, o que é perceptível na descrição de dois de seus protagonistas: Malvina tinha “no sangue uns vagos sinais da descendência materna”, sendo neta e sobrinha de ladrões; e Eugênio Rocca transmitiria a seus filhos o estigma dos “réprobos” (PINHEIRO, 1906, p. 30).

Sobre esta natureza anômala atuaria também um meio imundo, mísero e vicioso contribuindo à formação dos criminosos. Deste modo, influem sobre Malvina uma infância em “meio da turba maldita dos ladrões internacionais” (PINHEIRO, 1906, p. 22), a vida em um cortiço e o convívio com Eugênio Rocca. Já para este, a boa origem familiar não seria o suficiente para evitar sua atuação no crime. Sua mocidade turbulenta e toda uma trajetória repleta de delitos contribuiriam à sua constituição cínica “que é a característica principal dos criminosos endurecidos” (PINHEIRO, 1906, p. 29).

Cabe destacar, que tais concepções sobre a origem do crime não são singulares ao romance analisado, Neste contexto, médicos e juristas da chamada Escola Criminal Positiva buscavam por uma explicação do porquê determinados indivíduos voltavam-se ao crime e outros não. A resposta encontrada tinha caráter biologizante: o comportamento criminoso seria fruto de anomalias genéticas que diferenciariam homens e mulheres “criminosos” daqueles tidos como normais. A criminalidade seria assim “consequência de um defeito atávico imanente à própria natureza de certas criaturas, o qual os levaria inevitavelmente à infringência da lei penal” (SOIHET, 1989, p. 82).

Fatores de cunho sociológico atuariam sobre estes indivíduos intensificando suas tendências criminosas. Desta forma, estariam também “na gênese do crime”, “o bócio,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as influências da cidade, da imprensa, da densidade demográfica, da imigração e da emigração, a privação, o álcool, o pauperismo” (CANCELLI, 2001, p.33).

Autores europeus consagrados da Escola Positiva como Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero influenciaram diretamente o meio jurídico, médico e policial do Brasil a partir de fins do século XIX¹, o que pode ser notado no Código Penal de 1890, nas medidas de instrumentalização da polícia carioca (CANCELLI, 2001) e na inspiração a produções nacionais como as do médico Nina Rodrigues.

É notável também o diálogo estabelecido em *Os estranguladores do Rio*. Este fato, contudo, não implica em uma reprodução fidedigna de ideias. Destaca-se que o objetivo do romance não era apenas descrever os criminosos tais como a criminologia já fazia, mas construir protagonistas e trajetórias capazes de atrair ao público leitor, seja por provocar forte emoções ou por tratar de assuntos em pauta no momento.

É neste caminho que o romance traça o perfil de uma associação criminosa. No início do século XX, as quadrilhas tornam-se uma das preocupações das instituições governamentais e policiais do país. Organizadas nos subúrbios, com integrantes com identidades camufladas por apelidos ou nomes falsos, estes grupos apresentavam-se como uma inovadora forma de execução de crimes (CANCELLI, 2001).

Em *Os estranguladores do Rio* tal organização ultrapassaria espaços específicos da cidade, combinando sujeitos e suas diferentes habilidades, o que resultaria em um grupo superior em destreza diante da atuação policial (PINHEIRO, 1906). Fariam parte das quadrilhas pessoas de todas as idades, sexos e classes sociais, unidos por uma “cumplicidade ocasional” (PINHEIRO, 1906, p. 46).

Apesar de apresentar esta descrição ampla dos integrantes de uma quadrilha, os personagens principais do romance apresentam perfil específico: são pobres, negros, pardos e imigrantes, refletindo a associação corrente na época entre negros/ imigrantes e a criminalidade (FAUSTO, 1984; CANCELLI, 2001). Vale destacar que ambas as correlações envolvem questões de classe, uma vez que muitos destes indivíduos incluíam-se nas camadas pobres da sociedade, setor considerado “perigoso” à ordem social pelas

¹ Um exemplo da repercussão das ideias do criminologista no Brasil pode ser notado na imprensa carioca: em 22 de agosto 1893, o *Jornal do Brasil* publica, em primeira página, uma matéria intitulada “O gênio e o talento nas mulheres”, com partes de um artigo escrito por Lombroso (SANTANA, 2010).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elites. Deste modo, as representações da literatura aproximavam-se a preocupações de setores dominantes quanto a relação raça, pobreza e criminalidade.

No romance, a “monstruosa organização” seria caracterizada também por uma divisão social e sexual do crime: “em que cada um dos membros respondia a determinadas funções, conforme à sua especialidade no crime, ao seu sexo, ao meio em que era conhecido, às relações sociais adquiridas, e às aptidões do espírito transviado”. (PINHEIRO, 1906, p. 45).

Novamente, a narrativa aproxima-se de proposições da Escola Positiva, que identificava a existência de “tipos criminais”, cada qual associado a anomalias e propensões ao crime específicas. Fundaria estas proposições a compreensão dicotômica dos sexos, isto é, a defesa de que homens e mulheres teriam naturezas distintas e que sua atuação em delitos estaria associada a elas. Vejamos a seguir como o romance representa esta divisão sexual do crime.

A sereia

A primeira aparição de Malvina em *Os estranguladores do Rio* se dá quando a personagem transitava pelo centro do Rio de Janeiro. Neste momento, temos sua descrição física: pele alva, “lisa e aveludada”, “boca fresca, vermelha e carnuda”, “olhos grandes” e cabelos negros. Seu colo destacava-se nos detalhes de seu vestido, revelando seios redondos e fartos (PINHEIRO, 1906, p.8). A caracterização da personagem delineava-se conforme o padrão europeu de beleza feminina, que valorizava no corpo feminino o que poderia ser associado à sensibilidade, delicadeza e à função reprodutiva (KNIBIEHLER, 1991).

A constituição da protagonista em equivalência a este ideal estético, contudo, era acompanhada de uma ressalva: a sedução. O título do primeiro capítulo destacava esta característica: “A Sereia”. Figura presente na mitologia de diversas regiões do mundo, ela assume a forma humana feminina para com sua beleza, seduzir e enfeitiçar homens, levando-os à morte. Esta imagem dialoga também com proposições do pensamento higienista da época, que consideravam como pernicioso à ordem social o tipo de “beleza sedutora”, atribuída às prostitutas e mulheres mundanas (COSTA, 2004). Assim, a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caracterização de Malvina levava os leitores a associá-la à ruptura daquilo que era considerado como adequado às mulheres, antecipando seu papel em uma trama de crimes.

Se em momentos iniciais do romance, o leitor deparava-se com uma personagem jovem e bela, em páginas seguintes seria surpreendido com a revelação de sua verdadeira natureza. Malvina é descrita como “filha de uma pobre idiota, nascida ao acaso, neta e sobrinha de afamados ladrões, ela tinha no sangue o princípio do mal que pouco a pouco se agitava, invadindo-a inteiramente”(PINHEIRO, 1906, p. 51). Sua natureza anômala ganhava expressão em suas crises de histeria, aspecto que aproxima a obra da recorrente associação entre feminilidade e histeria/ crime e histeria apresentada pelos discursos criminológicos positivos (LOMBROSO; FERRERO, 1898). Os acessos histéricos de Malvina são responsáveis também por trazer à trama um exagero de emoções próprio à construção do “sensacional” das narrativas populares.

À *natureza anômala* de Malvina, o romance associa uma série de comportamentos que diferem do modelo estabelecido como normal às mulheres. Neste contexto, diferentes textos das esferas médica, jurídica e jornalística discutiam a definição do “ser homem” e do “ser mulher” a partir de características biológicas dos sexos (COSTA, 2004). Deste modo, ressaltava-se a fragilidade dos corpos femininos, expressão de sua “delicadeza e debilidade moral” (SOIHET, 1989, p.114); o maior desenvolvimento de áreas cerebrais ligadas à afetividade, resultando em menor capacidade intelectual; e a estagnação de órgãos reprodutivos, responsável pelo caráter passivo e a propensão à submissão. O útero apresentava-se como órgão proeminente na constituição do “ser mulher”, sendo responsável pelo papel fundamental deste sexo: a maternidade. Assim, toda a sexualidade feminina passava a ser subordinada à procriação, atribuindo-se ao gênero a frigidez e a passividade sexuais (SOIHET, 1989; RAGO, 2014; COSTA, 2004). Delineava-se a atuação social ideal às mulheres normais: o modelo universal da “a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família”(MALUF, MOTT, 1998).

Isso significava que caberia ao sexo feminino renegar o trabalho fora de casa e afastar-se de hábitos como o interesse pelo luxo e consumo, o ócio, as festas e o consumo de bebidas. Tais condutas eram atribuídas pelo discurso higienista às chamadas “mulheres mundanas” (COSTA, 2004, p. 265) e pela Criminologia Positiva, às prostitutas e criminosas (SOIHET, 1998; LOMBROSO; FERRERO, 1898).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Retomando a caracterização de Malvina, temos que a jovem se dedicava ao trabalho assalariado como engomadeira e operária, o que permitia o humilde sustento de si e de sua mãe. Diante da pobreza iminente, contudo, a personagem se deixava “arrastar numa ociosidade até então desconhecida, tinha perdido o amor ao trabalho, alimentando aspirações de luxo e de vida fácil (...)” (PINHEIRO, 1906, p.26).

Tal ociosidade emergiria de tempos em tempos juntamente a fortes desejos sexuais. Estes, por sua vez, são apresentados na narrativa como uma espécie de patologia conforme a descrição a seguir:

Sentindo falta de ar, com o cérebro em desordem e os nervos vibrando, às onze horas de uma noite abrasadora, saiu à porta da rua, aproveitando do sono quieto da velha, já em franca convalescência. E aí mesmo no corredor solitário, o primeiro inquilino retardatário que passou, a requestou com um gracejo, a possuiu sem resistência, entregando-se ela numa atonia completa da inteligência, com a submissão e o desejo de uma cadela ciosa (PINHEIRO, 1906, p. 24)

O trecho acima registra a perda da virgindade de Malvina em um de seus chamados “acessos histéricos”. Nele temos a comparação do comportamento sexual da protagonista ao de uma fêmea do mundo animal (“cadela ciosa”) indiciando sua constituição primitiva. Além disso, o romance explica a sexualidade da moça como fruto de uma anomalia biológica. Após a primeira relação sexual, as “vontades impetuosas” de Malvina cessam, e o sexo e a sedução tornam-se meio pelo qual ela efetiva seus furtos.

Atuação no trabalho assalariado, desejos por ócio e luxo, e sexualidade desregulada compõem a protagonista de *Os estranguladores do Rio*. É a partir deste perfil que a obra delinea a criminosa não apenas como uma mulher que atua fora da lei, mas como aquela que rompe com condutas tidas como naturais ao sexo. Apesar do potencial subversivo da personagem, a obra não extrapola o modelo dominante de feminilidade do período e associa a atuação de Malvina ao que era considerado como próprio às mulheres.

No contexto em questão, a especificidade da relação da mulher com o crime levou juristas, médicos e criminologistas – como jurista Júlio Ferreira e os já citados Lombroso e Ferrero - a investigarem em que tipos de delito elas estavam envolvidas. Apesar das diferenças, é possível identificar semelhanças quanto à demarcação da atuação feminina: elas agiriam em delitos tidos como menos graves, como pequenos furtos, injúrias e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

agressões leves; a passionalidade e a vergonha pública levariam ainda ao aborto, ao infanticídio e a alguns homicídios. Além disso, suas motivações são consideradas banais ou associadas à exacerbação das emoções e suas vítimas, apontadas como indivíduos mais fracos. Desta maneira, a atuação das mulheres criminosas mantém-se associada às características psicológicas e comportamentais atribuídas à natureza feminina, negando as ações que exigem o uso da inteligência e da força física.

Seguindo esta prerrogativa, Malvina realiza as funções que competem ao sexo feminino: com sua beleza, ela engana funcionários de joalherias para roubar-lhes as chaves dos estabelecimentos comerciais. Funções ligadas à inteligência ou à violência são atribuídas aos personagens masculinos da trama.

Além disso, é possível notar uma hierarquia entre Malvina e Rocca no interior da quadrilha. A começar, este criminoso apresenta-se como um dos poucos homens que resiste ao “canto da sereia” mantendo -se impassível frente à beleza e às tentativas de sedução da moça. Diante destas características de Malvina, Rocca vê potencialidades à ação criminosa, um talento da jovem que, entretanto, carecia “um guia” (PINHEIRO, 1906, p. 27).

Deste modo, ele propõe uma associação em que ele é responsável por arquitetar o crime, e ela apenas por executá-lo. Tal influência de Rocca sobre Malvina é relembra pela protagonista, que afirma ter sido “facilmente impressionável”, entrando na vida do crime pela sugestibilidade do ladrão. Assim, aproximando-se de algumas proposições lombrosianas, vemos que a sugestão de Rocca é bem sucedida, pois voltada a uma natureza feminina com tendências criminosas ocultas. Como agravante desta natureza, agiriam o descaso social e o abandono, dois elementos também pontuados pela criminologia como propulsores da criminalidade feminina.

As relações hierárquicas entre Malvina e Rocca, contudo, não se dão sem conflitos. Diante das pressões do líder da quadrilha, temos Malvina contrariando suas orientações e buscando “conquistar” seu papel e importância no interior da organização criminosa. Em um capítulo intitulado “A víbora e o Charlatão” temos o embate entre estes protagonistas e Malvina assume as feições de um perigoso animal: “como uma víbora acumulando veneno, prestes a dar o bote mortífero” (PINHEIRO, 1906, p. 73). Na mesma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cena, ela é descrita como uma fera, em um recurso para exaltar suas ações, tornando-as “sensacionais” por não serem humanas.

As feras

Assim como Malvina, dois outros personagens da “quadrilha da morte” camuflam suas identidades e atuações criminosas, transitando imperceptivelmente em diferentes espaços da cidade. São eles: Eugênio Rocca e o *Homem Vermelho*. A primeira aparição de Rocca ocorre em uma praça pública no centro do Rio de Janeiro. Neste momento ele é descrito da seguinte forma:

da aparente idade de trinta e cinco a quarenta anos. Corretamente trajado de roupa escura, alto, magro, claro, de cabelos e bigodes castanhos, ligeiramente pontilhados de alguns fios brancos, indicava pertencer a uma classe social de uma certa elevação (PINHEIRO, 1906, p. 9).

Imigrante, pobre, o personagem transita pelas ruas da cidade aparentando ser de classe social elevada, sendo abordado pela alcunha de *Doutor* – denominação “em virtude da qualificação dada a si mesmo de engenheiro da *City*” (PINHEIRO, 1906, p. 29).

Esta descrição do personagem altera-se por completo quando, no período noturno, ele se encontra na taberna do *Boca de Ferro* – local descrito como frequentado por bandidos. Neste estabelecimento temos um Rocca “musculoso e robusto, um tanto encurvado no peito”, vestindo “tricô de marinheiro. Calça azul, paletó azul, chapéu de largas abas e chinelos de couro, calçados nos pés sem meias” (PINHEIRO, 1906, p. 18, 19). Chama-nos atenção o destaque dado à aspectos que remetem à força física e à vestimenta típica de marinheiros, elementos que antecipam a atuação do sujeito no crime: dois assassinatos brutais, sendo um deles realizado em alto mar.

Quanto ao *Homem vermelho* - único integrante da quadrilha que não tem seu nome identificado - o narrador aponta que apenas um observador atento poderia notar que este indivíduo era “coisa bem diversa do que aparentava ser” (PINHEIRO, 1906, p. 103). Na taberna do *Boca de Ferro*, ele é descrito como de baixa estatura, “de ombros reforçados, de cabelos loiros e barba ruiva, cortada à andó, *pince-nez* cavalgando o nariz direito, ligeiramente encurvado na ponta” (PINHEIRO, 1906, p. 135). Apesar de se vestir como um marujo ou trabalhador de estiva, seus traços fisionômicos como a cor de sua pele e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“suas mãos brancas e finas” indicariam “pessoa não acostumada a tirar os meios de subsistência da afanosa labuta de um trabalho rude e pesado” (PINHEIRO, 1906, p. 103).

O *Homem Vermelho* mesclava-se em meio aos trabalhadores na taberna, buscando disfarçar a classe social a que pertencia assim como sua atuação junto a bandidos – algo semelhante à Rocca. A narrativa, contudo, destaca como determinados aspectos fisionômicos seriam capazes de revelar caracteres psicológicos e comportamentais destes indivíduos. No caso do *Homem Vermelho*, por exemplo, o

nariz direito, ligeiramente curvado na ponta, indicava um poder de vontade extraordinário e a fixidez do olhar, de fulgor quase magnético (...) o classificava entre os homens acostumados ao mando e de ação sugestionante sobre os demais (PINHEIRO, 1906, p. 103).

Tais caracteres ganhavam correspondência no papel executado no interior da quadrilha: junto à Rocca, o *Homem Vermelho* planeja o roubo à joalheria e um dos estrangulamentos. Contudo, ele não executa nenhum dos crimes, mas sim sugestiona outros a fazê-lo, dando orientações às ações.

Quanto à Rocca, o romance o caracteriza como gênio, capaz de arquitetar planos com grande facilidade, sagaz e cínico; ao mesmo tempo, robusto e cruel, tendo “nos músculos e na alma força física e moral para todos os casos possíveis” (PINHEIRO, 1906, p. 29). Se Malvina é associada à uma cadela, Rocca surge como “raposa” - por sua inteligência e sagacidade - e “fera” - rugindo e expondo dentes afiados, combinação que torna o protagonista em certa medida superior aos homens normais (PORTO, 2009).

É a partir desta configuração que temos a diferença na atuação no crime entre Rocca e o *Homem Vermelho*: ambos planejam e sugestionam outros indivíduos ao crime, mas é apenas Rocca aquele capaz de executar ações violentas como os estrangulamentos. Neste aspecto, chama a atenção o fato de que este tipo de atuação violenta fica associada ao protagonista pobre e imigrante, nos permitindo entrever o um caráter pedagógico que permeava a narrativa, apontando aos perigos de determinados grupos sociais.

Outro elemento que merece destaque na caracterização destes personagens é que ambos são dotados de caracteres que os afastam do ideal almejado à masculinidade do período: eles mentem, usam sua inteligência ao mal, sugestionam, enganam pessoas, são cruéis. Nesta construção de “masculinidade” desviante, a paternidade surge em Rocca

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como elemento fundamental. Segundo Jurandir Freire Costa (2004), para a medicina higiênica de fins do século XIX, a maternidade e a paternidade tornam-se finalidades do “ser homem” e “ser mulher”, é claro, conforme a natureza específica a cada um. Garantindo a coesão familiar, caberia ao “pai higiênico” a função de provedor da esposa e dos filhos, a missão em reproduzir a raça e garantir o “patriotismo da sociedade”. Para Costa, este modelo de paternidade “forneceu as medidas de masculinidade social e comportamento físico em que se encaixava o adulto viril”. Em Eugênio Rocca, contudo, o amor à esposa e aos filhos surge como incentivo aos crimes perpetrados, estando assim associado à natureza anômala do personagem.

Apesar de apresentarem condutas divergentes ao modelo burguês, Rocca e o *Homem Vermelho* não rompem por completo com princípios deste tipo de masculinidade: o ideal estabelecia uma correspondência entre a protuberância física do homem, o formato diferenciado de seu cérebro e a movimentação do esperma à sua maior capacidade para o exercício da força física e para a proteção familiar; seu elevado desenvolvimento intelectual; e seu comportamento ativo na vida pública (SOIHET, 1989; RAGO, 2014; COSTA, 2004). De forma semelhante, ambos os personagens são homens públicos, de mando, autoridade e elevada inteligência.

Os crimes cometidos por estes personagens inscrevem-se também no que era considerado próprio aos homens criminosos: crimes de maior periculosidade, assassinatos, grandes roubos – ações que exigiriam inteligência, força física e propensão à violência (FERREIRA, 1896, p. 5-6 apud CLAIZONI, 2013, p. 56).

Aspecto presente também nos demais integrantes da quadrilha, mesmo aqueles cuja atuação é menor no Crime da Rua da Carioca. Assim, Jeronymo Pigatti é ladrão e contrabandista e Emilio Beretta “ladrão refinado e célebre passador do conto do vigário (...) salteador matreiro, frio, calculador, capaz de qualquer ação, por mais hedionda e violenta que fosse”. Ambos são caracterizados como sendo “capazes dos maiores e mais horrorosos crimes” (PINHEIRO, 1906, p. 113).

Já José Epitácio é ladrão experiente e atua como espia no roubo à joalheira de Jacob Fuocco. É descrito ainda como medroso e covarde, associado a um coelho. Apesar desta caracterização - que o coloca em posto inferior em potência a outros integrantes da quadrilha - a figura deste personagem reafirma a divisão sexual do crime na medida em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que atua junto a uma quadrilha de “criadas de servir”, “habilmente instruída e sagazmente adestrada” por ele (PINHEIRO, 1906, p. 49). Como animais adestrados, o papel destas mulheres se reduz a tarefas secundárias, situação parecida à de Malvina.

Em oposição aos homens de inteligência, como o *Homem Vermelho* e Rocca, o romance traz à quadrilha outro protótipo de masculinidade associada ao crime: o criminoso feroz, sanguinário, dotado de força descomunal. Carlos Visconti ou Justino Carlos ou apenas *Carletto* é visto da seguinte forma por Malvina:

(...) cara chata, de uma bestialidade sem exemplo, aqueles olhos quase fechados como os de uma ave noturna acordada em plena luz meridiana, aqueles braços curtos e musculosos acabando nas mãos largas e fortes, a expressão feroz daquele sorriso inimitavelmente mau, lhe incutiam pavor e provocavam calafrios, como fosse sob uma ameaça de um perigo de morte iminente e horrorosa (PINHEIRO, 1906, p. 51).

A descrição acima destaca a força física de sua constituição, assim como o caráter malévolo de suas feições. Em outros momentos da narrativa, Carletto é designado por tigre e fera humana, exaltando-se a violência e periculosidade do criminoso. Em consonância a esta imagem, ao personagem atribui-se as ações mais violentas da narrativa e que exigem grande força física, os estrangulamentos. Por meio desta imagem, vemos em Carletto a exaltação de aspectos tidos como próprios ao masculino como a força física, a frieza e a impassibilidade de conduta, algo que o torna sobre-humano – para deleite dos leitores à espera da excepcionalidade e da “sensação”.

Em suma, nestes personagens masculinos da trama vemos a constituição de certos “tipos criminais”, isto é, cada constituição física e psicológica corresponde a uma atuação proposições da Escola Criminal Positiva que caracteriza diferentes tipos de criminosos, cada qual com sua característica anatômica e comportamental. Apesar das diferenças, os personagens apresentam características masculinas e atuação criminal associada ao que era considerado como próprio aos homens, isto é, atividades associadas ao pensamento racional e à inteligência, como o planejamento dos delitos, e ações violentas.

Crime e controle social

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em *Os estranguladores do Rio*, a divisão sexual do crime reflete-se também na ideia de que homens e mulheres criminosos deveriam ser disciplinados de forma distinta. Enquanto Rocca e seus parceiros são perseguidos pela polícia e condenados à prisão, Malvina abandona a vida do crime para recluír-se em um convento.

A decisão é tomada pela própria personagem, movida pelo amor e pela religiosidade. O amor surge à Malvina em meio a uma de suas atuações criminosas: ao tentar seduzir Carluccio, trabalhador de uma joalheria, a moça acaba apaixonando-se por ele. O sentimento inspira Malvina a sair da quadrilha de ladrões, enfrentando para isso Eugênio Rocca, em uma “luta inevitável em que ela, só ela, seria, sem dúvida alguma, sacrificada” (PINHEIRO, 1906, p. 69).

Esta ideia do amor como sacrifício remete-nos a discursos médicos-higienistas do período em que o sentimento surge como suporte moral à vida conjugal e familiar, estando ainda associado à natureza feminina (COSTA, 2004). Aproximando-se destas concepções, Lombroso e Ferrero (1898) apresentam o amor como um elemento essencial da natureza feminina, como uma espécie de escravidão que levaria às mulheres a se sacrificar pelo ente amado.

Diante destas considerações, ao representar o amor como uma das motivações de Malvina para o abandono da vida no crime, o romance dialoga diretamente com preceitos científicos que apresentavam a supremacia das “faculdades afetivas” na natureza feminina. Além disso, o enredo constrói a imagem da criminosa como aquela que não precisa ser contida por instituições externas, já que apresenta em sua constituição biológica qualidades que podem atuar neste sentido. É somente aos homens, supostamente menos propensos ao amor, que se faria necessária a atuação policial.

No tocante à religiosidade, sua expressão ocorre em uma espécie de êxtase religioso, em que a personagem decide encerrar-se em um convento. Aproximando-se dos discursos criminológicos de Lombroso e Ferrero (1898), a narrativa explica este súbito despertar religioso a partir da natureza anômala da protagonista, como etapa final de sua condição histórica. Contudo, o desfecho atribuído à Malvina distancia-se das proposições criminológicas e médicas, ao apontar o convento e não um hospital como destino da protagonista. O romance dialoga assim com o papel assumido historicamente pelas instituições religiosas na “regeneração” feminina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O romance coroa assim por meio dos desfechos dos criminosos e criminosa a distinção na atuação entre homens e mulheres no crime, reforçando a perspectiva de que para as mulheres, outras instituições - para além da Justiça e da polícia - destacavam-se como responsáveis por sua “regeneração”.

Conclusão

Ao trazer à tona sujeitos e suas respectivas atuações em uma quadrilha de ladrões, o romance *Os estranguladores do Rio* apresenta perspectiva em voga em seu contexto de produção e circulação quanto a atuação de homens e mulheres em delitos. Aproximando-se de discursos médicos e criminológicos, a narrativa apresenta uma divisão sexual do crime, em conformidade às características consideradas como inatas a cada sexo.

Criminosa e criminosos na literatura rompem com condutas consideradas como adequadas e naturais aos sexos. Malvina tem aspirações de ócio e vida luxuosa, e tem comportamento sexual desregulado. Já os personagens masculinos rompem, cada qual à sua maneira, com características tidas como ideias ao modelo de homem burguês: são mentirosos, cínicos, violentos, atozes, de inteligência malévola, brutais, covardes.

Apesar de subverterem em certa medida os padrões estabelecidos, criminosa e criminosos em *Os estranguladores do Rio* não rompem com padrões de feminilidade e masculinidade do período. Malvina mantém sua atuação no crime associada a ações tipicamente femininas: ligadas à delicadeza, sedução, são crimes de pequeno porte, envoltos pela paixão. Os demais integrantes envolvem-se em ações ligadas à inteligência e planejamento; a roubos de grande porte; à assassinatos e demais ações que implicam em força física e uso da violência.

Neste aspecto, a narrativa reforça os modelos do “ser mulher” e do “ser homem”, apontado de forma pedagógica para os males da transgressão de comportamentos. Ao mesmo tempo, é a partir de criminosos excepcionais, quase animais e sobre-humanos, que a narrativa tece seu caráter “sensacional”, atraindo leitores em busca de fortes emoções. *Os estranguladores do Rio* indicia, assim, para a existência de sentidos múltiplos quanto a criminalidade presentes nas ficções populares de crime, trazendo maior complexidade aos estudos sobre as representações de crime e gênero.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências

CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Butrand Brasil, 1990.

CLAIZONI, Débora Halide. *A ordem pelo avesso: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em História, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. “Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX”. In: BRAGANÇA, A; ABREU, M (org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.89-99.

FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

KNIBIEHLER, Yvonne. “Corpos e Corações”. In: FRAISSE, G.; PERROT, M. (dir.) *História das mulheres no Ocidente*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1991. Vol. 4., p. 351-402.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *The female offender*. New York, D. Appleton and Company, 1898.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p.368-422.

PINHEIRO, Abílio Soares. *Os estranguladores do Rio ou o crime da rua da Carioca*. Rio de Janeiro: Tipografia Luiz Miotto, 1906.

PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: Literatura de crime no Brasil (1870- 1920)*. 2009. Tese (doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009. 326p. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000436292>>. Acesso em: 19 abr. 2017

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 16 abr. 2017.

SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.